

## Excerto do diálogo *Fedro*\*

Platão

SÓCRATES:

Pois ouvi contar que, perto de Náucratis, no Egípto, havia um daqueles deuses antigos do lugar, cujo símbolo sagrado era a ave a que chamam íbis. O nome dessa divindade era Theuth. Pois dizem que foi ele o primeiro a descobrir a ciência do número e do cálculo, a geometria e a astronomia, também o jogo das damas e o dos dados e, ainda por cima, a escrita.

O rei de todo o Egípto, nessa altura, era Tamos, que habitava a grande cidade da parte alta do país, que os Helenos chamam Tebas Egípcia e cujo deus é Âmon. Theuth foi até ao seu palácio, mostrou-lhe os seus inventos e disse que precisavam de ser distribuídos aos outros habitantes do Egípto. O rei, no entanto, perguntou-lhe que utilidade tinha cada um deles, e, perante as explicações do deus, conforme lhe parecessem bem ou mal formuladas, a uma censurava e a outra louvava. Diz-se, na verdade, que Tamos apresentou muitas observações a Theuth, num e noutro sentido, a respeito de cada uma das artes, que seria longo referir em pormenor.

Quando, porém, chegou a ocasião da escrita, Theuth comentou “Este é um ramo do conhecimento, ó rei, que tornará os Egípcios mais sábios e de melhor memória. Na verdade, foi descoberto o remédio da memória e da sabedoria.” Ao que o rei responde: “Ó engenhosíssimo Theuth, um homem é capaz de criar os fundamentos de uma arte, mas outro deve julgar que parte de dano e de utilidade possui para quantos dela vão fazer uso. Ora tu, neste momento, como pai da escrita que és, apontas-lhe, por lhe queres bem, efeitos contrários àqueles de que ela é capaz. Essa descoberta, na verdade, provocará nas almas o esquecimento de quanto se aprende, devido à falta de exercício da memória, porque, confiados na escrita, recordar-se-ão de fora, graças a sinais estranhos, e não de dentro, espontaneamente, pelos seus próprios sinais. Por conseguinte, não descobriste um remédio para a memória, mas para a recordação. Aos es-

tudiosos oferece a aparência da sabedoria e não a verdade, já que, recebendo, graças a ti, grande quantidade de conhecimentos, sem necessidade de instrução, considerar-se-ão muito sabedores, quando são, na sua maior parte ignorantes; são ainda de trato difícil, por terem a aparência de sábios e não o serem verdadeiramente.”

(...)

Portanto, quem julgasse transmitir na escrita uma arte e quem, por sua vez, a recebesse, como se dessas letras escritas pudesse derivar algo de certo e de seguro, mostraria muita ingenuidade e desconheceria realmente o oráculo de Âmon, se crêem que os discursos escritos são algo mais do que um meio de fazer recordar a quem as sabe já as matérias tratadas nesses escritos.

FEDRO:

Muito justamente.

SÓCRATES:

É isso precisamente, Fedro, o que a escrita tem de estranho, que a torna muito semelhante à pintura. Na verdade, os produtos desta permanecem como seres vivos, mas, se lhes perguntares alguma coisa, respondem-te com um silêncio cheio de gravidade. O mesmo sucede também com os discursos escritos. Poderá parecer-te que o pensamento como que anima o que dizem; no entanto, se, movido pelo de aprender, os interrogares sobre o que acabam de dizer, revelam-te uma única coisa e sempre a mesma. E, se uma vez escrito, todo o discurso rola por todos os lugares, apresentando-se sempre do mesmo modo, tanto a quem o deseja ouvir como ainda a quem não mostra interesse algum, e não sabe a quem deve falar e a quem não deve. Além disso, maltratado e insultado injustamente, necessita sempre da ajuda do seu autor, uma vez que não é capaz de se defender e socorrer a si mesmo.

\**Fedro*, 274b